

CORPO “RE(des)COBERTO”: uma apresentação

Carlos Eduardo Santos Maia

Professor Titular na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

E-mail: carlmaia@uol.com.br

Rosemere Maia

Professora Titular aposentada pela UFRJ e atualmente é professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

E-mail: rosemaia@terra.com.br

Marluci Menezes

Investigadora do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Lisboa.

E-mail: marluci@lnec.pt

Apresentamos neste dossiê uma série de textos que abordam o CORPO “RE(des)COBERTO”, pondo em debate as vestimentas, as roupas, os trajes, as fantasias, a moda e os múltiplos suplementos que o transformam e ajustam, libertam e controlam, personalizam e uniformizam, traduzindo sistemas de representações, identidades e modos de ser/estar no espaço-tempo.

Toma-se a corporeidade humana a partir das relações culturais, econômicas, políticas, existenciais, religiosas, bem como das determinações impostas pela natureza e pelas práticas que visam a segurança, o bem-estar e/ou a preservação da saúde. Todas atravessam a cotidianidade, sendo observadas nos mais diversos rituais festivos, nos eventos de *marketing* e naqueles atos praticados nos espaços públicos ou no contexto privado, muitas vezes pensados como se se fossem “só nossos”, mas que na verdade são práticas sociais.

Há de se ressaltar que o uso de “coberturas” transcende as questões de moralidade e da necessidade básica de proteção. Sugere-se, assim como Thieme e Eicher (1987), que a definição de vestimenta se assenta na tríade “forma material”, “ato de vestir” e “significado sociocultural”.

Figura 1 – Vestimentas – Paris.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2016).

Figura 2 – Vestimentas – Rio de Janeiro.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2012).

O vestir (Figuras 1 e 2) relaciona-se às práticas corporais e às experiências multissensoriais e multiescolares, o que lhe atribui um amplo campo de possibilidades (roupas, acessórios, perfumes, penteados, tatuagens etc.). Note-se, assim, que as roupas dizem respeito a invólucros corporais, aos quais se atribuem valores sociais e pessoais, mas excluem as modificações corporais que são constitutivas das vestimentas (ROACH-HIGGINS, EICHER, 1995).

Paralelamente, na nossa sociedade são estabelecidos sazonalmente, ou em outras temporalidades, padrões estéticos ao que deve ser usado como vestimenta, mobília, decoração, estilo arquitetônico etc., ou seja, criam-se modas. No tocante ao vestir, a moda movimenta uma indústria mundial, que culmina com desfiles realizados em semanas dedicadas à sua mostra (Figuras 3 e 4).

Figura 4 – Moda – Rick Owens, coleção Outono-Inverno 2022.



Fonte: Men's Journal Online (24 de jan. 2022)¹.

Exemplos destas manifestações são os desfiles que acontecem em Paris, Milão, Nova Iorque e Londres – os quatro principais eventos em termos de cobertura midiática e lançamento de tendências (o que abre um amplo leque para a discussão deste tema). Todavia, como observa Maia (2021), não se pode restringir a moda a um essencialismo estético, dado que esta tem um “elemento semiótico de primeira ordem” (DORFLES, 1996, p. 65), que nos leva a uma enorme gama de significações.

Nota-se que há na corporeidade humana aquelas “coberturas” à maneira de trajas (Figuras 5 e 6) e fantasias (Figuras 7 e 8), conforme exemplificado a seguir:

¹ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/mensjournalonline/photos/pcb.6948910551847788/6948904801848363/>>. Acesso em 22 fev. 2022.

Figura 5 – Traje – Evzones de Atenas.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2013).

Figura 6 – Traje – Capoeiras em Zurique.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2014).

Figura 7 – Fantasia de integrantes de ala – Unidos do Viradouro.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2020).

Figura 8 – Fantasias de participantes da World Pride N.Y.C.



Fonte: Carlos Eduardo Santos Maia (2019).

Os primeiros, geralmente, estão associados a determinadas práticas ritualísticas, cerimoniais e extraordinárias que acentuam determinada posição social, *status* ou situação (trajes como toga, batina, jaleco, vestido de noiva, etc). Os trajes diferem, portanto, das fantasias naquilo que estas apresentam como transcendência fictícia, dado que estas conduzem a um outro modo de ser no mundo como personagem própria, quimérica e eventual (fantasias de Carnaval, Festa Junina, Reisado, etc).

A vestimenta assume também uma transcendência fictícia que, não sendo propriamente a fantasia acima referida, adentra nos textos que a referem, tal como na literatura, no hipertexto ou mesmo enquanto realidade virtual, sobrepondo e conectando camadas, como se tratasse também de um “hiper-corpo” (referência para representar a realidade virtual do mundo digital).

Vale dizer, ainda, que a corporeidade humana permite sobreposições, como a que vemos na Figura 9, em uma cena constatada no aeroporto Paris-Charles de Gaulle, na qual viajantes chineses com destino à Pequim colocam um traje de EPI (Equipamento de Proteção Individual) sobre as suas roupas antes do embarque, em um verdadeiro ritual de “purificação” e “isolamento”.

Figura 9 – Sobreposição de Traje-Roupa.



Fonte: Rosemere Santos Maia (2021).

Destarte, O CORPO “RE(des)COBERTO” oferece amplas possibilidades de pesquisa às diferentes áreas das ciências humanas e sociais, estando presentes nos textos desta edição da Revista algumas sugestões temáticas, como nossos leitores poderão constatar. Boa leitura!

Referências bibliográficas

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Moda: um fenômeno urbano. *In:* MAIA, Carlos Eduardo Santos; MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues; TUMA, Raquel Lage (Orgs.). *Corpos Cobertos Desnudando Espacialidades: vestimenta, roupa, traje, fantasia e moda na Geografia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2021, p. 245-270.

ROACH-HIGGINS, Mary Ellen ; EICHER, Joanne B. Dress and identity. *In:* ROACH-HIGGINS, Mary Ellen ; EICHER, Joanne B. ; JOHNSON, Kim K. P. (Eds.). *Dress and identity*. New York: Fairchild Publications, 1995, p. 7-18.

THIEME, Otto C.; EICHER, Joanne B. *African dress: form, action, meaning*. Africana Publishing, p. 115-138, 1987. Retrieved from the University of Minnesota Digital Conservancy. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11299/162432>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

COMO REFERENCIAR

MAIA, Carlos Eduardo Santos; MAIA, Rosemere; MENEZES, Marlucci. Corpo “re(des)coberto”: uma apresentação. *Latitude*, Maceió, v. 15, n. 2, p. 05-11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.28998/lte.2021.n.2.13404>